

REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardoso
 Propriedade da União Operária Nacional
 Rua da Imagem, 11, 2.º andar, 104
 (Pernambuco da lei que regula a liberdade de imprensa)

Redacção e administração — Calçada do Camba, 84-A, 2.º
 Tel. 104 — Telex 104 — Telex 104

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — FORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Fomento nacional

As ideias expandidas em *A Batalha* pelo publicista e economista illustre que é o sr. Ezequiel de Campos são, apesar de não concretizarem um carácter nitidamente operário, as que mais convinham adotar num país economicamente desorganizado como é o nosso e a que, já agora, a intolerância política e as paixões partidárias não deixam vislumbre de remédio pronto. Não cabe ao sr. Ezequiel de Campos, honra lhe seja feita, a menor responsabilidade na falência administrativa portuguesa.

Foi o sr. Ezequiel de Campos um dos deputados da Constituinte e nós que acompanhámos a sua acção, sabemos que dia a dia se esforçou no bom combate, insistindo, com uma teimosia louvável, pela solução do problema económico, pela adoção de medidas atinentes ao ressurgimento nacional nos seus variados aspectos. Quantos dos seus projectos tiveram realização prática ou foram discutidos sequer? O povoamento do sul e outros problemas similares de que em *A conservação da riqueza nacional* se faz menção, tudo isso que modificaria por completo o carácter português, tudo isso, repetimos, está por fazer. Em compensação, o parlamento, que recusou, talvez por insuficiência mental ou inconsciência da situação grave que há já anos vimos atravessando, a sanção aos seus projectos de ressurgimento económico, entreteve-se a reconhecer centenas de revolucionários civis e a atender solicitações dos eleitores de Paio Pires ou Alcibadeche, quando não deixava que se convertessem em leis do país decretos como o do sr. Sousa Junior, que mandava pagar as contribuições com ratos ou os apêndices caudais dos sobreditos roedores. Uma pepineta. E nalguma coisa mais se haviam de salientar os parlamentos de 1910 a 1919. Efectivamente as leis coercivas da liberdade individual, promulgadas naquele período, foram tantas e tão variadas, que destruíam metade delas ainda ficava legislação com que meter o país na cadeia. Os que não sabiam dar pão à população faminta eram pródigos em dar-lhe chibata. Consequência? O ambiente propício aos movimentos revolucionários que aliás não conseguiram modificar as condições desgraçadas da grei.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Habitacões baratas

Anunciou-se nas gazetas, por via de nota officiosa, que iria o ministro do trabalho apresentar em conselho dos colegas um projecto para a construção dum bairro a que chamariam, não se sabe bem porque razão, operário, em Braco de Prata terá assento. Nele se instalarão um teatro e um salão para desportos, um balneário e uma casa de saúde, pena tendo que o programa não consigne a construção duma escola, talvez porque esta fosse considerada inútil ou nefasta, na vigência dum regime que se agita pela esperteza dos de cima e pela ignorância dos de baixo. Ficará assim um bairro papafina a que chamam, vá-se lá dizer porque, operário. Cada habitação custará em média a bagatela de oito escudos por mês. Uma insignificância da renda, inevitavelmente ao alcance da bolsa dos operários — a quem tenha salido a sorte grande. Os outros, os que tem por única receita o que o braço lhes ganha, mais remédio não terão se não o de ir aturando os senhores particulares que, em bairros tão distantes do centro da cidade como Braco de Prata, sempre levam um tanto menos pelas rendas. Ou então, a teimarem os operários em ir morar para o bairro ministerial, não podendo cada um deles pagar tamanha renda, estabelecer-se-á fatalmente a coabitacão de várias famílias, daí resultando a perda das vantagens de comodidade e higiene que porventura o bairro possa ter. O mais certo é porém que tal bairro exclusivamente por burgueses venha a ser habitado, que isto de casas a oito mil reis, sem meter em conta o transporte em

Sabe-se a precária situação financeira e económica que nos assombra. Uma dívida pública que oscila por 1.000.000 de contos em valores nominais e que nos leva 43 por cento das receitas públicas; um regime fiduciário inconvertível e seu limite no quantum da emissão; regime de que resulta uma sensível depreciação da moeda e logo custo mais elevado dos produtos nacionais ou estrangeiros; o país entravado por deficiências de viação; o latifúndio inculto ou mal aproveitado no sul, a população acumulada na propriedade pulverizada do noroeste e obrigada a emigrar para terras longínquas nos porões dos transatlânticos; um deficit na balança comercial de 40.000 contos; um movimento global de receitas e despesas do Estado que excede em quasi 60.000 contos o movimento das importações e exportações, o que patenteia claramente o parasitismo nacional e a engordar das clientelas políticas pelo erário público; um comércio sem navios que conduza as suas mercadorias; o peso de 70 por cento de analfabetos a cavalgar nos dorso; enfim, um Estado a quem nos encarregamos de solucionar o problema dos abastecimentos, e da vida cara e que começa por ceder navios aos estrangeiros e cobrar 45 por cento de direitos aduaneiros sobre as substâncias alimentares importadas, como se pode ver na *Estatística do Comércio e Navegação*.

Foi contra este quadro pavoroso que o sr. Ezequiel de Campos arremeteu como um ariete na ansia de esbarra-lo. Tempo perdido. A política partidária tolheu-lhe os movimentos.

E agora? Agora que a revolução socialista camarela os alicerces das instituições económicas e políticas criadas em 1789, não há tempo a perder com as meias reformas, embora olhem angustiadamente a misera herança que nos vai cair em mãos.

Entretanto, como o personagem João Guérret, na *Emboscada*, ao ver aniquilado o seu trabalho de tantos anos, nós bradamos, convencidos do triunfo da nossa vontade: *Amanhã recomeçamos o trabalho*.

E lá encontraremos, roçando-nos os cotovéis na remoção dos escombros, o sr. Ezequiel de Campos.

O movimento pró-cão

Não iríamos nós bulir no assunto se a presença de dois tostões em papel nos não forçasse a isso. Mas o facto é que esta quantia nos foi enviada, com especificação do destino a dar-lhe, e do caso preciso e dar satisfação ao público e ao remetente — o qual assina «J. Costa», na carta em nosso poder. Pois ensinam-nos o sr. Costa dois tostões, com isso procurando resolver o magno assunto da *embida do cão* — palavras dele, sr. Costa. Trata-se do animal que desde Belem acompanhou até à Câmara Municipal o cortejo fúnebre de Sidónio Pais. E, chegado ao edifício, tendo aliado a bexiga à entrada, em obediência às normas da espécie, limpou-se do pó, subiu a escada e entrou pelo salão, deixando-se junto da urna funerária. Era dos acompanhantes o único que não levava gravata preta. Talvez por esta razão dissesse o sr. Costa que «os sentimentos do cão valiam mais do que os de muitos homens». Menos hipocrisia por certo haveria nele. Mas, a vergonha é que produziu sensação nos assistentes o facto vulgaríssimo de ter-se apêgado «a Sidónio Pais um pobre cão vadio que não tinha coleira e não pagava imposto, quando já tantos, antes d'este, haviam procedido mesmamente. Eis que toda a gente quer tomar a sua conta o animal, mas salta o sr. Bermudes e entende que ele deve ficar a cargo da câmara, sendo logo depois recolhido dois empregados para tratá-lo, um na qualidade de cozinheiro, ou para levá-lo a passeio. Foi-se passando o tempo até que o cão um dia se evadiu, já farto, por modos, das atenções municipais. Entrementes muda o ambiente político; e há pouco

VIDA CARA E DIFÍCIL O AZEITE

Obrigue-se o açambarcador a lançar o azeite ao mercado e a um preço mais barato

Do fiscal do ministério dos abastecimentos, sr. Raúl Pinto, recebemos a seguinte carta, que com todo o gosto publicamos:

Sr. redactor — Há dias referi-se esta jornal a um negócio de azeite em embrião. Alguns conhecidos cavalheiros — dos que durante a guerra tem levado coiro e cabelo ao pobre consumidor — preparam-se para, num assalto ao ministério dos abastecimentos, conseguirem a exportação de azeite de oliveira.

Para fazer um pouco de luz sobre o caso, devo começar por tornar conhecida uma circunstância que, certamente, tem passado despercebida do público: — e vem a ser que, desde 1 de Janeiro do corrente ano, o azeite deixou de ser género sujeito a tabela oficial de preço.

O decreto n.º 4.698, que tabelava o preço do azeite, caducou em 31 de Dezembro passado, o que deu como consequência um aumento de \$15 em litro, pouco mais ou menos.

Porque se não fez tabela de preço para 1919?

Começa aqui o mistério, sr. redactor.

Os manifestos de azeite que se fizeram na colheita passada foram uma verdadeira burla. Continua a existir por esse país fora uma enorme quantidade de azeite que não está manifestado. Os lavradores e detentores de azeite, com o placet das várias autoridades, conseguem o que puderam ao respectivo manifesto. Quando os fiscais das substâncias aparecem em vários pontos do país para fiscalizar a veracidade dos manifestos eram positivamente corridos pelos governadores civis e

A exportação do azeite é mais uma contribuição para o agravamento da miséria dos trabalhadores

Sr. redactor — A ilusão do acolhimento que nas colunas do seu jornal tem merecido a minha prosa sobre o palpitante assunto da exportação de azeite para o Brasil, — que uns tantos acerrimados defensores das prerrogativas do comércio português temiam em converter num facto consumado — encorajam-me a prosseguir facilitando-lhe elementos onde se demonstra que mais uma punhalada se pretende dar na já definhada alimentação pública. E se bem que muitos dentes afilados se regessem — in memoriam — com o provelito suco das minhas tibias, nada há que me faça retroceder na senda encetada.

Os interessados irão com todas as suas artimanhas dizer ao director do comércio externo que há azeite demasiado no país; que os preços nunca serão elevados; que se pretenciam a isto, áquilo e a... tudo o mais, repisando em especial uma espécie de taboleta, onde, para armar ao efeito, dizem: «a exportação do azeite é necessária, porque os mercados estrangeiros estão a usurpar o nosso lugar graças à custa de muitos sacrifícios».

O que resultará dessa mistura não sei, mas pelo caminho que as coisas levam e pelas influências que se têm colocado ao lado da negociação, antevejo um perigo grande. Oxalá eu me enganar! Porém eu tenho dados para os rebater em toda a linha, mesmo com taboletas e tudo. Tê-los há também o Director do Comércio Externo? Davido, porque quem lhe dói o dente?

Eu por exemplo tenho em meu poder correspondência fresca (que ponho à disposição da análise de v. se assim o julgar necessário) onde demonstro o preço porque os srs. lavradores, pedem actualmente pelo género, chegando alguns a 80 e 86 centavos por cada quilo posto na estação de caminho de ferro da procedência em vasilhame meu em Lisboa alguns armazéns vendem borra por azeite ao preço da tabela, mas em surge, em sessão da comissão administrativa da câmara, a factura, apresentada não sabemos por quem, com a conta dos gastos feitos no sustento do cão. Um vereador propõe, com aprovação unânime, que não se pague. E não se pagou. Mas eis que um grupo de indignados cidadãos inicia o movimento pró-cão. Abrem-se subscrições pró-cão. Esforçam os protestos. Tudo com o delicioso cunho zoffio pró-cão. O sr. Costa integrou-se pela certa no movimento, e atesta-o o envio que nos fez dos dois tostões pró-cão. Ateente-se ao dinheiro, sendo pró-cão não é para o cão. E para quem o sustentou? Cá fica pois a importância à disposição da pessoa a quem ela é destinada. E se esta não aparecer a reclamá-la, a mãos dum pobre irá para a quantia.

O conselho dos quatro

PARIS, 8. — (Atrazado). — O conselho dos 4 reúne-se esta manhã no ministério da guerra. A subcomissão dos negócios polacos fixou, de maneira completamente provisória, a fronteira oriental da Polónia, reservando as questões que dizem respeito à Lituânia. — H.

administradores do concelho, — a maior parte deles lavradores ou amigos de lavradores, — e até presos quando dignamente pretendiam effectuar, através de tudo, o seu serviço de fiscalização.

Haja em vista o que succedeu em Beja, onde um conflito grave se levantou entre uma brigada de fiscaes e o então governador civil de Beja, um tal capitão Cortês, que intimou a dita brigada de fiscaes a retirar-se do seu distrito — pois que ele se entendia muito bem com os lavradores locais...

Ora isto tudo vem a pelo para se afirmar, sem fiscaes de desmentido, que o ministério dos abastecimentos não se conhece, com verdade, qual foi a produção do azeite na última colheita, visto a inexactidão, constatada, dos manifestos.

O que se impõe, portanto, é aproveitar a ocasião e obrigar, duramente, os açambarcadores de azeite que não pedem agora para o exportar, a lançarem esse azeite no mercado e obrigá-los, igualmente, a uma baixa de preços, fazendo imediatamente a respectiva tabela oficial.

Licença para a exportação de azeite, quando esse género se está pagando pelo quadruplo do que custava antes da guerra?

Vamos... E tempo de acabarmos com a lei de funil que tem imperado nesta magna questão de subsistências e de car para a cabeça do nédio corrupto que se chama açambarcador. Ou não?

Creia-me amigo certo e muito obrigado, Raúl Pinto.

to, Figueira da Foz e Coimbra, o público compra uma mixórdia por 65 e 90 centavos, etc., etc. Isto quanto ao preço.

Quanto a quantidade, já tenho demonstrado a pouca produção da colheita final e ver-se há melhor o que será, se os industriais de conservas conseguirem introduzir os seus produtos nos mercados dos impérios centrais, como afanosamente estão trabalhando para o conseguirem.

Quanto à usurpação dos mercados pelos estrangeiros, estamos conversados! Temos nova edição duns compromissos tomados ofano passado para se exportarem docelhas...

de tratando de azeite mais limpinho, pesem 85 e 90 centavos por litro! No Porto, propõem uns: «para não perder o mercado brasileiro, desde que em Portugal se permita a importação do azeite espanhol e a exportação do português, nos comprometemos a importar e vender aqui tanta quantidade de azeite espanhol, quantos nos deixarem sair de Portugal».

[Bôa lógica, não há dúvida! Dejamos fora o bom; o nosso, e compramos zurrapa de fora! Propõem outros: «comprometemo-nos a pôr à disposição do governo, para venda a retalho pelo preço da tabela ou menos ainda, 50 por cento do que nos autorizarem a exportar».

[Para cá vem de carrinho! Enchiam a barriguinha e paravam de exportar; o governo esgotava os 50 por cento e exigia mais; eles encolhem-se porque já se encheram e o lavrador, que ainda tem algum de resto, aproveita e no fim de tudo... paga 26.

E por hoje já basta, sr. redactor, porque já é abusar da vossa amabilidade, se bem que não me faltam argumentos. Aguardamos o resultado da obra e veremos se depois será tarde para trançar as portas. O assunto é grave, a fome aterradora e as consequências, imprevisíveis; portanto, quem boa tampa fizer...

Com a mais elevada consideração me confesso. — José Chaves.

Processo Lenoir

Humbert defende-se

PARIS, 7. (Atrazado). — Processo Lenoir. — Humbert, reconheceu que o capitão Ladoux lhe desoreveu Bolo como pessoa duvidosa e recorda o acolhimento negativo que por toda a parte lhe foi feito, principalmente por Mally, quando falava das suspeitas de Lenoir e repete que tinha confiança em Monier.

O capitão Mornet replica que mandará citar Monier. Humbert declara que Bolo obteve facilmente o passaporte para a América. Mais declara que logo que a justiça teve conhecimento do processo da venda do Journal, comunicou os dossieres a grande numero de personagens.

O presidente lê o relatório do governo suíço, censurando Schoeller pelas suas manobras. Tendo Humbert uma longa declaração a fazer a este respeito, foi a audiência adiada para amanhã. — H.

Prosegue Humbert na sua defesa

PARIS, 8. — (Atrazado). — Desistindo

A festa de homenagem à "A Batalha,"

Divulgar e proteger A BATALHA e preparar um futuro de bem-estar e liberdade para todos

Journal escrito pelo povo e para defesa do povo tem de viver do exclusivo esforço do povo

Primeira audição pública do hino "A Batalha," e estreia do grande Orfeon Social

Causou justificada satisfação, a quantos julgamos útil a publicação de *A Batalha*, o conhecimento da situação li-songeira do jornal, mercê da forma galharda como os sindicatos correspondentes ao apelo da União Operária Nacional, apressando-se a adquirir as acções que emitimos, e metê-la da amizade de quantos pela causa justa da emancipação do homem da exploração do seu semelhante, nutrem simpatia.

Apesar, porém, da situação li-songeira de *A Batalha*, é preciso que não arrefeça a entusiástica solidariedade até agora tão exuberantemente manifestada, que nos não falem o reconfortante apoio e o amistosíssimo incitamento de todos os camaradas. *A Batalha* não preenche ainda os fins a que se destina. *A Batalha* não é ainda o jornal digno da força numérica e consciente da organização operária portuguesa. *A Batalha* não corresponde ainda às ambições dos que o confeccionam nem atinge o grau de perfectibilidade que a nossa capacidade lhe pôde imprimir. *A Batalha* é apenas o que os recursos materiais de que dispõe permite que ela seja. E o capital, na sociedade presente que combatemos, o entrave perpetuo à materialização das grandes e boas ideias, a vida das belas e úteis iniciativas, à expansão necessária dos grandes princípios do Bem e da justiça social.

E a deficiência do capital — que sempre aparece à falta quando se trata da defesa da sua própria existência nefasta — que impede que *A Batalha* seja o que a nossa vontade e a nossa capacidade obrigariam.

Imoedista da nossa parte? Pois não somos nós, operários manuais e operários das letras, que executamos os grandes colossos da publicidade diária?

O hino "A Batalha," do ilustre maestro Tomás Del Negro, com letra do distinto poeta operário João Black, será executado por um orfeon composto de camaradas de ambos os sexos

Não menor satisfação causou entre os leitores do nosso jornal a iniciativa tomada por um grupo de devotados amigos de promoverem em homenagem a *A Batalha* um grande espectáculo publico. A curiosidade em conhecer o programa desse festival — que a avaliar pelo entusiasmo despertado pela simples notícia da sua realização promete ser grandioso — é enorme.

E as perguntas nesse sentido feitas nada podemos por enquanto responder a não ser que a comissão promotora está empenhada em oferecer um programa de, sensação e trabalho por que esse espectáculo revista a maior imponência.

Da organização do programa sabemos apenas que, entre os seus números mais sensacionais, figura a audição, pela vez primeira, do hino *A Batalha* escrito pelo distinto maestro Tomás Del Negro, ilustre professor do Conservatório, e a este diário dedicado. Como dissemos, tivemos já o prazer de assistir à audição desse hino, executado no piano pelo autor, que,

de fazer a declaração que annunciara ao presidente do tribunal, Humbert leu o depoimento de sr. Poincaré, que levantou vivas observações da parte do advogado de Humbert, a que se seguiu uma troca de vivas explicações com o capitão Mornet. Humbert observa que os documentos relativos aos processos pendentes nalgua época foram entregues ao sr. Poincaré antes da prisão de Bolo e defende as suas campanhas a favor da intensificação do material de guerra, dizendo que era intérprete do sentir do exercito.

Relativamente à sua viagem a Espanha, Humbert diz que foi o sr. Poincaré que o convocou no dia 13 do 10 para o Eliseu. O coronel presidente declara que a data da carta lhe parece emendada. Segue-se uma viva discussão entre o defensor de Humbert e o capitão Mornet, provocando uma certa emoção. Em seguida é lida uma carta de madame de Arlix, declarando que Lenoir lhe dissera que na questão do negócio Schoeller entravam igualmente Radowitz e Romberg. A sessão é em seguida levantada. — H.

Batalhão de marinha

Chega hoje, de manhã, ao Tejo o paquete "Lourinho" Marques, que traz a seu bordo o batalhão de marinha, o qual desembarca no cais do posto de desinfectação marítima às 11 e meia horas, assistido ao seu desembarque o ministro da marinha, pessoal superior do gabinete, major general da armada, director geral da 3.ª direcção de marinha, officialidade, sargentos e praças da armada, que para esse fim foi feito convite, em ordem, pelo ministro da marinha.

O batalhão, depois de formado, segue, com destino ao seu quartel, em Alentejo, com a banda de marinha à frente, pela rua 24 de Julho, Santos, Janelas Verdes, Pampulha e Alentejo.

ria e os esplendidos e artísticos magazines? Porventura são os patões que compõem, imprimem, escrevem, informam e illustram os grandes jornais e as grandes revistas? Nem a capacidade de direcção, que a burguesia pretende negar-nos, nos falta. Toda a pavorosa desordem administrativa, o caos politico e económico em que o país se encontra estão aí a demonstrar que a incapacidade directiva está precisamente do lado da burguesia. A ruidosa *debacle* já iniciada, da organização social presente, não é senão a consequência da falência mental e moral das classes dirigentes, a resultante da incapacidade administrativa da classe burguesa.

Obra de ideias e não de comércio, tendo por fim a defesa não de interesses proprios ou particulares mas os interesses de todo o povo trabalhador e consumidor. *A Batalha* não visa enriquecer quem quer que seja mas tão somente a expandir o mais possível a sua propaganda.

Não sendo *A Batalha* uma industria mas uma obra de propaganda, os seus lucros não serão arrecadados nas «burras» nem postos a render tantos por cento ao ano, mas serão integralmente consagrados à melhoria incessante do jornal, à sua expansão ilimitada.

Devem, pois, os que sofrem o mal estar que a pessima organização social cria a maioria esmagadora da humanidade, proteger sempre o jornal que luta por um futuro de bem-estar e liberdade para todos.

Que os nossos amigos continuem pois, sempre e em toda a parte, com afínico e com amor, a divulgar e a propagar *A Batalha* para que ela viva, próspera e prospere em benefício de todas as vítimas da iniquidade social.

na sua nova produção, por toda a sua alta competência tecnica de compositor e toda a sua grande alma de artista.

E' um canto cheio de vibratidade e de harmonia esse hino, para o qual o distinto poeta operário João Black está escrevendo a letra.

O hino de *A Batalha* será executado pela primeira vez na festa de homenagem ao nosso jornal pelo Orfeon Social organizado expressamente para essa festa. E a propósito vem convidar, por este meio, todos os camaradas, homens e mulheres, que queiram tomar parte nesse orfeon a virem inscrever-se na nossa administração, mas isso sem perda de tempo, pois essa inscrição termina imperitavelmente na proxima terça-feira, 15, a meia noite.

E para fecharmos com chave de ouro esta noticia, reservámos para o fim esta outra revelação: por uma gentilissima amabilidade que muito nos captiva, será o próprio autor do hino *A Batalha*, O ilustre maestro Tomás Del Negro quem ensaiará e regerá nessa noite o orfeon Social.

Congresso Maximalista de Moscou

As ultimas resoluções

PARIS, 7. — Noticias de Moscou descrevem o encerramento do congresso bolchevista. As conclusões tomadas demonstram o espirito dominante entre os elementos dirigentes da politica russa.

A primeira resolução diz que o partido bolchevista se compromete a dirigir a luta do proletariado em todas as nações, inspirando-a conforme a psicologia do respectivo país. «E' preciso — acrescenta — a ditadura do proletariado e, para isso, a revolução social, unica que pode dar a plenitude do poder politico aos operários. Ataca duramente o terminer da guerra, por ver que os governos burgueses chegaram a um accordo e afirma que a guerra passada se transformou em guerra civil das massas operárias contra a burguesia.

«O Congresso Bolchevista — diz outra das resoluções — declara que a Sociedade das Nações é produto do capitalismo internacional para afogar o movimento revolucionário e as justas aspirações dos povos. Não devemos — diz — permitir o desarmamento do proletariado, sem desarmarmos os nossos exploradores. Para isso os operários devem unir-se estreitamente contra o socialismo burguês e contra quem, chamando-se defensores do proletariado e chefes das massas operárias, são, pelo contrario, burgueses. Contra uns e outros deve lutar a verdadeira classe operária».

Empreza Editora Popular

(Officinas Graficas)

Papelaria, Livraria, Tipografia, Encadernação e Carimbos de Borracha

Especialidade em BILHETES POSTAIS ILUSTRADOS e Livros escolares

R. do Poço dos Negros, 79 a 83-A—LISBOA Telef. 4009 C.

INTERNATO

Plano dos estudos aprovado pelo Governo

- (a) Instrução primária
- (b) Curso completo dos liceus
- (c) Curso teórico—prático de comércio
- (d) Música e piano
- (e) Ginástica

(Decreto de 29 de Agosto de 1905)

COLÉGIO LUSITANO

Instituto Primário, Secundário e Comercial

APROVADO PELO GOVERNO

PROPRIETARIO-DIRECTOR

JOSÉ NEGRÃO BUÍSEL

PORTIMÃO

O mais importante do Algarve

Serralharia Artística

Vicente Joaquim Esteves

TRABALHOS ARTÍSTICOS EM FERRO FORJADO

Construção e montagem de vigamentos e coberturas metálicas

Fabricante de cofres e portas fortes à prova de fogo

RUA DAS AMOREIRAS, 92—LISBOA

Telefone 1412 (Norte)

A BATALHA

DIÁRIO OPERÁRIO DA MANHÃ

Redacção e administração

CALÇADA DO COMBRO, 38-A-2.º

Lisboa—PORTUGAL

Endereço telegráfico—Talhada—LISBOA

ASSINATURAS

Pagamento rigorosamente adiantado

Lisboa: 1 mês, 260—Portugal, Ilhas, Colónias e Espanha, 3 meses, 1270; 6 meses, 3540; 1 ano, 6880. Territórios da União Postal: 6 meses, 5520; 1 ano, 10440.

Não se aceitam pedidos de assinatura que não venham acompanhados da respectiva importância. A despesa da cobrança que tiver de ser feita pelo correio é aumentada ao preço da assinatura.

ANÚNCIOS

Recebem-se, bem como reclamações, avisos, comunicados e qualquer outra publicação idêntica, aos preços da tabela, na administração da Batalha, nas agências Havas, Bastos & Gonçalves, Americana, etc.

Comunicados e anúncios, quando contêm acusações a particulares ou relativos à vida privada seja de quem for, não se publicam, reservando-se o direito à administração da A. Batalha, de recusar anúncios ou qualquer outra matéria paga quando, por motivo de ordem moral, entenda dever recusar.

A cargo do anunciante o imposto de selo, 2 centavos

Acceptam-se anúncios de todo o país, ilhas, colónias e estrangeiro.

TABELA DE PUBLICIDADE

Artigos, reclamações e comunicados, 3.ª página, cada linha, 230 Na 4.ª página, cada linha, 208 Anúncios por contrato, abatimentos especiais.

Bolsim de trabalho: anúncios até 3 linhas, por intermédio das associações ou seus sindicatos, procurando emprego, gratis.

De Precisa-se trabalhadores ou empregados, 8 centavos cada linha. Comunicados e anúncios de Associações, Cooperativas e outras organizações de carácter operário, preços especiais.

A marcação dos anúncios é feita pelo linômetro de corpo 6.

CHARRUAS as mais perfeitas

FABRICAÇÃO DE

E. DUARTE FERREIRA & FILHOS (Engenheiros)

TRAMAGAL



Modelos próprios e todos os pertences das marcas do mercado, mais gastáveis no país. Relhas vulgares de grande resistência. Ditas de bicos substituíveis, privilegiadas, de cuja aplicação resulta uma considerável economia, pois cada relha utiliza muitos bicos de muito menor custo.

NORAS para tirar água — PRENSAS para vinho. — Instalações completas de LAGARES DE AZEITE

GRANDES OFICINAS E ESCRITÓRIO junto à estação do Caminho de Ferro do Tramagal

O tenor Romão Gonçalves e o grande Licor Romanini

Grande parte dos cidadãos de Lisboa que tem bebido este excelente licor estão prontos a afirmar que este é um dos melhores do mundo. Racionalmente tendo um aroma que se conserva por hora durante algumas horas, sendo também agradável. O tenor Romão, estando repleto, bebem 3 calis deste licor e não dia seguinte estavam completamente bem para cantar. É indispensável a cantores, actores, oradores e fumadores.

Fábrica de destilação a vapor ALGÉS

Escritório para pedidos: R. 1.º de Dezembro, 31, 3.º. Frente

Comp. Caminhos de Ferro Portuguezes Sociedade anónima. — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

AVISO AO PÚBLICO

Segundo as disposições actualmente em vigor, a circulação, dentro do país, de géneros de primeira necessidade não está sujeita a restrições especiais nos casos que a seguir se indicam:

1.º Açúcar, — as remessas deste género, a expedir das estações que servem Lisboa, não se aceitam a despeito quando acompanhadas de guia de trânsito passada pela Direcção Geral das Subsistências.

2.º Trigo e suas farinhas — para as estações que servem Lisboa não se admitem a despeito remessas deste género em quantidade superior a 100 quilogramas por expedição senão quando venham consignadas a alguma das seguintes firmas:

José António dos Reis Sociedade de Moagem Alentejana, S.ª C.ª Limitada, Nova Companhia Nacional de Moagem, Empresa de Moagem Esperança Limitada, António Castanheira de Moura

devido, neste caso, as senhas das remessas ou documento que as substitua trazer aposto o carimbo da firma consignatária, sem o que a respectiva remessa não poderá ser-lhe entregue.

Para os efeitos do que neste Aviso se anuncia, mandamos que a Companhia de Moagem Esperança, S.ª C.ª Limitada, Lisboa, Rua do Corpo Santo, 29, (com exclusão do seu calmarim que só faz serviço de mercaderias destinadas a seguimento por via fluvial ou marítima ou obrigadas por esta via).

O presente aviso substitui o Aviso ao Público B 3040 de 6 de Março próximo passado. Lisboa, 7 de Abril de 1919. — O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

MARCENEIROS

PRECISAM-SE bons oficiais no Salto Luz. Rua de S. Francisco de Paula, 132-A. a 134-C (Pampulha).

Livros novos e usados

Compram-se e vendem-se todas as obras de sociologia, arte e literatura, no Mercado Literário de José da Silva Oliveira, Calçada do Combro, 38-A.

Trabalhos DE Serralheria

ANTONIO A. OLIVEIRA

Toma conta de todos os trabalhos da sua especialidade, garantindo perfeita execução e solidez.

Preços sem competência

ATENÇÃO: Da importância de todos os artefactos executados à sua responsabilidade, oferece a percentagem de 10 %, que será dividida em partes iguais pelo jornal A Batalha e pelo cliente ou informado.

Procurai e recomendai esta oficina

Rua Ferreira Chaves, G. M. S. CAMPOLIDE

MARIA CRISTO PARTEIRA

Consultas de obstetricia. Recolhe clientes em casa. Tem bons alojamentos.

Consultório e enfermagem, P. dos Restauradores, 13, 3.º. — Tel. C. 3500. (Das 15 às 17 horas).

Residência, Rua Ferreira Borges, 35, 1.º — Tel. N. 2265 (Das 9 às 12 horas).

A FUNTIPO

R. Nova da Piedade, 62, 2.º

A mais artística fundição tipográfica de Portugal

Director-proprietario

P. Gini.

JESUS NA GUERRA

Novidade literaria da maior actualidade

A' venda — Preço 50 centavos 500 réis

Pedidos á EMPREZA EDITORA POPULAR

As mais interessantes teorias sociais

Rua do Poço dos Negros, 79 a 83

Propaganda social

Serie de folhetos em preparação

N.º 1

Necessidade da Associação

Por José Prat

Do Trabalhador Indiferente

Por Pinto Quartan

Preço de cada 60 rs.